

Palestra do Guia Pathwork® n° 138
Palestra não editada
26 de novembro de 1965

O DILEMA HUMANO ENTRE O DESEJO E O MEDO DA PROXIMIDADE

Saudações, meus queridíssimos amigos. Bênçãos para esta reunião e para cada passo e cada esforço em seu empenho em direção ao crescimento e ao desenvolvimento. Que esta palestra possa, mais uma vez, ser um ponto de apoio em seu caminho para a individuação e a autorrealização.

A maior luta e o maior conflito do homem é seu desejo de superar o isolamento e a solidão enquanto, ao mesmo tempo, teme o relacionamento e o contato próximo, íntimo, com outro ser. Essa contenda é tão pungente porque com frequência o desejo e o medo são igualmente intensos, de modo que o homem fica em posição tal que puxa e empurra em direções opostas simultaneamente. Isso causa uma tensão tremenda. Seu sofrimento quando isolado deve sempre empurrá-lo em direção a tentativas de superar o isolamento. Quando essas tentativas parecem ser bem-sucedidas, seu medo de tal sucesso o induz a retrain-se e a afastar-se do outro. E assim segue. O homem erige e destrói as barreiras entre si mesmo e os outros.

Vamos compreender um pouco mais sobre essa luta, meus amigos. Todo e qualquer indivíduo que se encontre em tal caminho precisa, mais cedo ou mais tarde, enxergar sua própria dificuldade humana especificamente a esse respeito. Todas as suas perturbações, suas desarmonias e sofrimentos podem se resumir a esse simples denominador comum. Tudo finalmente se reduz a essa luta. Toda a destrutividade do homem e sua insistência em se agarrar a ela não apenas representam as barreiras que o mantêm separado, mas, ao mesmo tempo, servem para mantê-las.

O que faz com que a proximidade seja tão temida e ao mesmo tempo tão tentadora? Este é um tópico muito importante, meus amigos. Muito dele foi discutido anteriormente, ou melhor, aspectos e fragmentos isolados aqui e ali. Agora chegou a hora em que é necessário compreender essa luta humana de maneira mais abrangente e direta.

Seu relacionamento com outro indivíduo pode ser bem-sucedido somente se e quando o homem estiver motivado por seu ser mais profundo, quando o relacionamento não for determinado somente pelo intelecto externo e a vontade. O intelecto externo e a vontade não podem solucionar o problema do delicado equilíbrio da autoexpressão e, ainda assim, permitir que a outra pessoa se expresse – receber sua autoexpressão. Como nenhuma regra pode ser criada com relação ao ritmo e à troca dessa reciprocidade, o cérebro externo não pode dar conta dessa questão. Como também não pode encontrar o equilíbrio entre a autoafirmação e a concessão, entre dar e receber, entre participação ativa e passiva. Estes são equilíbrios delicados, que não têm como serem determinados de maneira predeterminada. O intelecto externo é um instrumento que faz exatamente isso: prescreve, predetermina, pensa mecanicamente. Determina regras e leis. Não é, por si só, suficientemente intuitivo e flexível para encarar o momento como se apresenta e reagir a ele de maneira adequada. Para

isso, o âmago do ser do homem precisa ser ativado. Assim, o relacionamento existirá de maneira espontânea e adequada.

Quando o homem não está em contato com seu ser mais profundo, não pode funcionar adequadamente com relação a nenhum aspecto da vida que exija respostas criativas, nem pode estar em contato com o ser mais profundo de outra pessoa. E isso é, afinal de contas, relacionar-se de fato. Essa é a proximidade que elimina o isolamento. Esse é o tipo de expressão e relacionamento íntimo que oscila no fluxo da vida e proporciona uma paz dinâmica. Tudo o mais é tensão, esforço e uma disciplina difícil, que não é receptiva à grande liberdade e alegria da intimidade.

Como vocês já sabem, o homem aterroriza-se consigo mesmo. Faz todo o possível para evitar olhar para si mesmo. Somente depois de superar uma dificuldade e resistência específica, descobre que seu medo não era justificado. E então sente alívio. Então vive momentos de vitalidade porque, naquele momento específico, entrou em contato com seu ser mais profundo. Assim que isso se evade, o contato real com os outros é impossível. E vocês também sabem que a evasão pode existir de todas as maneiras possíveis. O homem não pode se permitir a liberdade e a falta de controle necessárias a uma resposta vinda de seu interior se não tiver primeiro estabelecido contato consigo próprio, se a cada momento não estiver ciente do que realmente deseja e de como realmente se sente.

Por que esse medo é tão grande, o medo de si mesmo e o medo de entrar em contato com outras pessoas? Basicamente, o medo se deve às intenções destrutivas do homem, à sua intenção de recusar-se a viver. Agora, meus amigos, isso também pode ser feito de muitas maneiras. No transcorrer do Pathwork, muitos de meus amigos se depararam, nas profundezas de si mesmos, exatamente com esse tipo de atitude. Se o homem estivesse verdadeiramente disposto a dar o que ele é, não apenas potencialmente, mas aquilo que já concretizou, se fosse deliberadamente dar o melhor de si, de boa vontade à vida, se essa fosse sua intenção premeditada, não poderia estar em conflito consigo mesmo e, portanto, com a vida. Pois cada um de vocês tem tantos recursos, tantos recursos maravilhosos que negligenciam ou que pressentem apenas de maneira vaga. E mesmo quando os pressentem, não lhes ocorre oferecer esses recursos à vida. Basta que façam isso deliberadamente para que algo comece a acontecer. Um grande movimento interior tem lugar. Vocês não têm motivos para temer isso, já que tudo deve acontecer na beleza da ordem e harmonia.

No instante em que um indivíduo deixa de ser uma criatura isolada que mantém seus recursos em segredo e os guarda para si próprio (e às vezes nem isso, já que com frequência não chegam a ser usados), sem jamais ter a intenção de dar esses recursos em benefício da vida e da evolução. E se ao menos vagamente ele passasse ao novo estado de dedicar o melhor de si deliberadamente à vida, então a mudança interior e externa em sua experiência de vida seria tão drástica que não haveria palavras para descrevê-la. O que era difícil, trabalhoso, assustador, lúgubre, tenso e solitário se torna fácil, autossustentado, relaxado, seguro, brilhante, e o homem deve sentir uma profunda sensação de pertencer e de unicidade com o mundo, com os outros, com todo o processo da criação.

Até que essa mudança ocorra, vocês deverão estar eternamente no redemoinho de querer e temer a mesma coisa. E isso é uma verdadeira tortura. Às vezes, querem mais; outras vezes, temem mais. O resultado deve ser problemático, doloroso, repleto de conflito e arrebatador de sua paz, já que vocês puxam e empurram em direções opostas. No instante em que vocês mudarem da maneira que acabo de descrever, tudo se encaixará automaticamente. Essa é a verdadeira chave. A luta entre querer e temer a proximidade com os outros, bem como entre querer e temer o contato íntimo com

o próprio eu mais profundo, não pode se resolver pela “decisão” de abrir mão de uma dessas duas alternativas. Isso não tem como funcionar. Ela pode ser solucionada somente quando as intenções negativas e destrutivas cessarem, quando o melhor de vocês for alegremente oferecido à vida. Somente então sua experiência será a de que não há nada a temer com relação à vida, exceto a destrutividade de vocês próprios. Quando esta é abandonada, o segredo da vida é encontrado.

Dediquem cada dia, nem que sejam apenas alguns minutos, a pensamentos como estes: “O que quer que eu já seja, quero dedicar à vida. Desejo, deliberadamente, que a vida faça uso do melhor que tenho e sou. Posso não estar certo no momento de como isso possa se dar e, mesmo que tenha ideias, permitirei que a inteligência e a sabedoria maior nas profundezas do meu ser me orientem. Deixarei que a própria vida decida de que maneira uma troca proveitosa entre ela e eu pode acontecer. Porque qualquer coisa que eu dê a vida, recebi dela própria e desejo devolvê-la ao grande reservatório cósmico a fim de proporcionar mais benefício. Isso, por sua vez, deve inevitavelmente enriquecer minha própria vida na exata medida em que estou disposto a dar a ela, já que, na verdade, a vida e eu somos um. Assim, quando nego à vida, nego a mim mesmo. Quando nego aos outros, nego a mim mesmo. Desejo abrir mão do que quer que eu já seja, deixando que flua para a vida. E tudo mais que puder ser utilizado, aguardando ser concretizado, rogo, decido e desejo que seja aplicado de maneira construtiva a fim de enriquecer a atmosfera ao meu redor.”

Se esses pensamentos forem deliberadamente acalentados e expressos com propósito profundo, os problemas terão que se resolver, a dor deverá cessar, soluções surgirão no horizonte – soluções de problemas que pareciam absolutamente insolúveis. Posso lhes prometer isso, meus amigos. Esta, assim como todas as outras promessas que fiz, se confirmará. Sua verdade será comprovada.

Por outro lado, se sentirem que, quando pronunciam essas palavras, existe uma relutância interior, uma corrente do não ou uma resistência, sabem o que é responsável por seus problemas, por sua dor de isolamento e por sua dor de comunicação. Porque ambas devem ser a mesma. Na mesma medida em que sofrem com o isolamento, o inter-relacionamento deve ser problemático e doloroso. Na medida em que se desviam da superação do isolamento, este deve se tornar doloroso. O segredo reside no desejo de oferecer à vida o que já são e o que ainda podem vir a ser. Quando vocês vão atrás desse desejo, automaticamente liberam e materializam mais potencialidades ocultas do que poderiam possivelmente visualizar neste momento, enquanto ainda estão em sua dolorosa reclusão.

A melhor maneira de desfrutar essa harmonia é, em primeiro lugar, apelar intencionalmente para os poderes dentro de vocês. Quando sabem que esses poderes existem, mesmo antes de tê-los vivenciado de maneira completa e consciente, esse conhecimento da verdade e a declaração intencional dessa verdade e a abertura para sua realização devem ativar esses poderes de qualquer que seja a maneira construtiva que vocês tenham escolhido.

A segunda abordagem para alcançar essa grande harmonia com o universo, consigo mesmos e com os outros é cultivando, em seu âmago, uma atitude geral que seja compatível com esses poderes superiores existentes no núcleo de seu ser. Uma atitude tão compatível implica em completa construtividade em todos os empreendimentos, em todos os desejos e propósitos. Se vocês enfrentarem cada situação com total honestidade e plenitude, em vez da costumeira superficialidade com que as situações da vida são encaradas, as metas destrutivas inconscientes deverão desaparecer gradualmente. É somente por meio de uma atenção superficial ao eu em relação às situações da vida

que se pode negligenciar o fato de que o objetivo propriamente dito é com frequência tratado de maneira secundária, enquanto o principal objetivo da personalidade é destrutivo. Isso pode ser sutil, mas, ainda assim, é um fator frequente de grande impacto. Cada problema é totalmente encarado quando vocês enfrentam na totalidade cada questão que se apresenta. Através desse encontro total, dessa concentração total da atenção, deste olhar para cada aspecto dela, bem como para seu relacionamento e reais sentimentos e desejos em conexão com ela, vocês descobrirão qual é sua verdadeira atitude e como poderia ser mais construtiva, mais sincera, mais justa. Se essa abordagem for cultivada, vocês, o você externo, e os poderes divinos dentro de vocês serão compatíveis.

Existem aqueles que cultivam apenas uma dessas duas abordagens. Alguns se concentram somente em ativar os poderes ocultos; outros se concentram em encontrarem-se a si mesmos e à sua destrutividade exterior, a fim de eliminar esta última. Ambas as abordagens têm seu grande valor, mas se uma é seguida sem a outra, os resultados devem ser limitados, por ser tão fácil negligenciar o que existe: no primeiro caso, o negativo; na segunda abordagem, a falta de consciência dos potenciais positivos limita sua realização. O mais eficaz é a aplicação de ambas as abordagens. Se ambas as abordagens forem cultivadas e, simultaneamente, vocês verdadeiramente desejarem que sua vida acrescente à vida; que seu ser, com todo o bem que existe em vocês, contribua para a vida da maneira que for possível, verão um tremendo poder funcionando em vocês. Verdadeiramente vivenciarão a paz, a segurança e a vitalidade que deve resultar quando o ser interior é ativado. Com isso, vocês ativam o ser interior.

Vocês veem, meus amigos, que outra barreira ao querer acrescentar à vida com a totalidade de seu ser é o erro arraigado de que se vocês acrescentarem à vida, privarão a si mesmos – e inversamente, que quando agarrarem e estiverem preocupados exclusivamente com sua própria pequena vantagem, somente então poderão enriquecer-se e fazer justiça ao seu prazer, seus desejos e suas vantagens. Essa convicção arraigada governa e motiva todos vocês, pelo menos até certo ponto. É precisamente onde existe esta convicção que vocês encontram problemas e frustração, porque a falsidade da convicção os faz se comportarem, agirem, pensarem e sentirem de maneira tal que é prejudicial à vida, aos outros e, portanto e inevitavelmente, a vocês mesmos. Visto que vocês não estão cientes da força da convicção errônea e, principalmente, que se trata de uma convicção errônea, não entendem por que não dá certo. Vocês ficam cada vez mais envolvidos em confusão, em reações negativas em cadeia cuja natureza e significado não podem compreender.

Nada poderia estar mais longe da verdade do que essa convicção de que a questão é você contra a outra pessoa. Portanto, recomendo uma meditação profunda em que vocês se propõem, principalmente, a determinar a que respeito e até que ponto acalentam essa crença errônea. Assim que estiverem completamente cientes de sua existência e de quanto ela os controla, recomendo pensar nestas palavras e tentar compreendê-las no nível que impunha a elas a visão oposta. Tentem trazer para esse nível de seu ser o conhecimento de que somente pelo desejo de acrescentar à vida vocês podem encontrar e vivenciar o fato de que nenhum prazer que possam jamais imaginar precisa lhes ser negado. Assim, toda a sua psique estará construtivamente voltada de modo que o prazer mais elevado deva vir porque vocês serão ativados e movidos pela construtividade. Serão então ativados não pelo egoísmo ou qualquer outra atitude destrutiva, não pelo isolamento, não por “eu contra o outro”, mas por “eu e o outro”. Quando sua psique está voltada para “eu e o outro”, não existe mais conflito entre dar e receber. Assim não haverá mais recusa a acrescentar à vida e, como consequência, tristeza e sofrimento profundos, isolamento e conflito, culpa e frustração deverão deixar de existir. Então não poderá mais haver a luta terrível enfrentada pelo homem, em que ele sofre em seu isolamento, em que deseja buscar o contato e, ainda assim, no mesmo minuto em que o consegue,

ele se retrai. No mesmo instante em que ele elimina as barreiras porque o sofrimento do isolamento se torna insuportável, já constrói novas barreiras porque o medo o oprime. Esse medo é o resultado de sua convicção negativa e falsa de que precisa se preservar se não quiser ser aniquilado. E ele acalenta essa falsa convicção da natureza maligna da vida somente na medida em que seus próprios objetivos internos, pelo menos parcialmente, são destrutivos e malignos. Esse círculo vicioso entre a perversidade da vida e a necessidade do homem de se opor à vida poderá ser rompido somente quando o homem quiser contribuir generosamente para a vida. Então e somente então ele descobrirá que a vida é tão benigna quanto seu eu mais profundo – nem mais e nem menos.

O medo de unir-se, encontrar-se, entrar em contato, manter um contato íntimo existe desde que a psique do indivíduo esteja negativamente conformada, negativamente direcionada. Essa longa união deve ser assustadora e se apresentar como uma questão de “eu contra o outro”. Na medida em que a profundidade da própria psique do homem é assustadora – e ela parecerá assustadora enquanto ele se dedicar a objetivos destrutivos – a livre autoexpressão será perigosa, o contato com os outros será perigoso, entregar-se à bem-aventurança da união deverá ser desesperadamente evitado porque ameaça eliminar o controle. Sem esse controle, os objetivos destrutivos assumem o poder e ameaçam de aniquilação. Abrir mão do controle deve se parecer com a morte, assim como abrir mão da individualidade e da segurança, desde que os objetivos destrutivos persistam e ocupem a psique. Portanto, a fim de preservar a própria individualidade, a única maneira disponível parece ser a construção de barreiras ao redor do eu. Isso parece manter o eu intacto. A tragédia inerente reside no fato de que enquanto existirem objetivos destrutivos na psique, o isolamento proporcionará uma sensação de identidade e parecerá preservar a individualidade da pessoa. Somente na negatividade a perda de controle parece levar à morte ou à perda de poder sobre si mesmo. Em outras palavras, o distúrbio mental é uma resultante desse conflito.

Mas quando em sua psique não se trata mais de “eu contra o outro”, mas em vez disso de “eu e o outro” e, portanto, vocês dão não apenas o que têm, mas também o que são à vida, então não há medo de perda de controle porque a perda do controle leva a mais controle, em um sentido melhor, mais pleno, mais saudável. Em outras palavras, isso significa que com uma psique completamente construtiva, a personalidade pode confiar em suas expressões espontâneas, desinibidas, livres. Pode se entregar aos poderes interiores, de modo que exista uma unidade fluida, vibrante entre o eu e a força vital. Esse parece ser um ato de abdicação do controle direto. E por meio desse ato, poderes mais construtivos nas profundezas do âmago do eu são ativados, tornando o eu cada vez mais adequado e proporcionando a ele mais controle sobre a vida, determinando sua própria sina da melhor maneira possível.

Com negatividade na psique, torna-se necessário um controle acirrado e agarrar-se ao eu já que, caso contrário, os objetivos destrutivos não apenas ficam expostos ao eu e aos outros, mas existe medo de que assumam o controle das ações. Portanto, o controle parece necessário, e esse controle impede a união, impede a livre autoexpressão, bem como uma vida relaxada e prazerosa. Quanto mais acirrado o controle, maior o perigo de que esse falso movimento interior se torne insuportável por sua rigidez, até que a psique, por exaustão, realmente se perca em um processo de autoalienação prolongada. Isso explica o aparente paradoxo de que abrir mão do controle leva a um controle melhor, enquanto agarrar-se com firmeza ao controle pode finalmente levar à sua perda. Em um nível superficial, todas as grandes verdades espirituais parecem contraditórias. Para que se possa perceber a unidade por trás de tais contradições, é necessário ouvir com seu ser interior e não tentar compreender meramente com seu intelecto. A melhor maneira de comprovar essas afirmações é vivendo sua verdade – e isso pode ser feito somente pelo seguimento desses passos em seu caminho.

Muitos de vocês, meus amigos, estão bastante perto desse limiar, dessa transição indispensável, quando deixam a vida isolada de egoísmo e egocentrismo, de ganância e avidez, ao mesmo tempo que demandam o máximo dos outros e, simultaneamente, temem que os outros não atendam às suas demandas, além de temerem que eles exijam de vocês o que acreditam ser perigoso ceder. Quando o homem ainda está nesse estado, deve estar profundamente perturbado. Mas o limiar para passar desse para o novo estado descrito nesta palestra está tão próximo, meus amigos, tão próximo, tão fácil, bastando que vocês comecem a sentir e a se abrir totalmente para estas palavras. Se vocês permitirem que estas palavras preencham não apenas seu intelecto, mas que preencham seu ser interior, e se forem sinceros em sua boa vontade de querer descobrir a verdade de “eu e o outro”, vivenciarão a verdade destas palavras. Vivenciarão quão segura, fácil e prazerosa a vida pode ser quando prescindem da pseudonecessidade de insistir em objetivos negativos; de derrotar a vida, os outros e a si mesmos de forma quase malévola; de negar à vida o melhor que vocês são pela “segurança” e “satisfação” questionáveis de seus objetivos negativos. Esses objetivos negativos têm que se tornar conscientes para que vocês fiquem cara a cara com eles. Somente então sua futilidade poderá ser compreendida e a personalidade poderá renunciar a eles. Então vocês não precisarão mais combater e obstruir aquilo que mais desejam, ou seja, a satisfação profunda de serem totalmente vocês mesmos e serem aceitos por outra pessoa como sendo totalmente vocês mesmos, sem máscaras nem fingimentos, sem as barreiras e mecanismos de separação que vocês acham que precisam usar. Quando vocês abrem mão das máscaras e barricadas que construíram tão ardentemente durante toda a sua vida, estarão livres e saberão que o que são é bom. Mas esse conhecimento pode surgir somente quando aquilo que já é bom em vocês é oferecido à vida.

A luta do “eu contra o outro” resume toda a contenda humana. Embora isso seja tão simples, um indivíduo não consegue compreender estas palavras, a menos que tenha feito algum progresso em um caminho que conduza a si mesmo. Então ele saberá o que essas palavras significam. Conhecendo e aceitando estas palavras, ele chegará mais próximo de passar por esse limiar. Todos vocês, ou a maioria de vocês que está aqui, podem dar o primeiro passo a partir de já, em uma meditação muito simples, que diz “Decido abrir mão do erro de 'eu contra o outro'”. Não existe conflito e, por isso, posso dar tudo o que sou. Eu decido – não apenas solicito do fundo de meu ser, mas eu decido – dar o melhor que sou à vida, sem medo. Todo medo que espreita no meu interior é erro, e eu decido e desejo me livrar desse erro e me entregar aos poderes divinos aos quais me abro totalmente, no profundo desejo de compreender a verdade de que 'eu e os outros somos um', de modo que não haja conflito, de modo que eu possa dar de mim o melhor que eu sou. Deixo a cargo das forças superiores que isso ocorra em harmonia, na virtude, sem tensão nem esforço.”

Qualquer um que medite dessa maneira aumentará seu poder interior, bem como a vida, a paz e a luz dentro de si. Toda luta e toda dor precisa então, mais cedo ou mais tarde, desaparecer gradualmente na exata proporção com que esta atitude é verdadeiramente sentida e vivida. Valham-se desta chave, meus amigos, e tudo o mais lhes será acrescentado. Trata-se da maior chave que muitos de vocês estão verdadeiramente prontos para usar, desde que não o usem para palavras superficiais, que não têm um significado interior. Muitos de vocês estão agora no ponto em que podem realmente dar significado a estas palavras, a essa nova atitude. E a vida terá início para vocês, começará de fato.

Os primeiros passos podem ser usar essa fórmula simples e bela como uma atitude geral em relação à vida, como uma maneira genérica de encarar a vida. À medida que é experimentada e testada enquanto uma abordagem básica à vida, vocês conseguirão aplicá-la a problemas específicos. Ca-

da problema, quando observado de perto, pode finalmente ser reduzido ao simples denominador comum do medo de dar-se de si mesmo e de cultivar uma atitude negativa, destrutiva ou, pelo menos, de negação com relação à vida. Esse é o motivo de vocês terem o problema e, enquanto isso prevalecer, o problema específico deve permanecer. Vocês não podem dar conta de certas situações da vida porque negam-se a dar de si mesmos e porque acreditam em “eu contra o outro”. As consequências são que, através de uma série de reações negativas em cadeia, vocês de fato estão sendo prejudicados, o que faz com que a premissa de “eu contra o outro” pareça estar correta. Quando mais vocês se guiarem por essa suposição, mais lesados vocês devem ficar nessas áreas problemáticas específicas.

O fato peculiar é que as pessoas podem estar perfeitamente cientes da verdade e ter uma atitude positiva e construtiva com relação à vida em determinadas áreas. Assim, elas estão realizadas e felizes nessas áreas. Não existe luta nem conflito, tudo caminha com facilidade e reações positivas em cadeia são autoperpetuadoras (exatamente como acontece com as negativas). Ao mesmo tempo, em suas áreas problemáticas, elas respondem à vida de maneira totalmente oposta – e nunca estão cientes da diferença de sua resposta à vida e de que esse é o motivo de sua “boa sorte” ou “má sorte”, de sua realização ou frustração. Esse é o motivo pelo qual a autoconfrontação e a constatação do que realmente se pensa, sente e faz é de uma importância tão tremenda.

Quando vocês descobrirem a diferença em sua atitude com relação à vida nos vários aspectos da vida e virem a diferença na manifestação e na experiência, será mais fácil para vocês mudarem na área problemática de “eu contra o outro” para “eu e o outro”. Então será mais fácil abrir mão da resistência de usar a chave, de querer dar entusiasticamente à vida o que há de melhor em seu ser.

Alguém tem alguma pergunta agora em conexão com este tópico?

PERGUNTA: Você pode elaborar a questão de se agarrar ao controle levar à perda de controle?

RESPOSTA: Quando existe o conflito entre “eu contra o outro”, um forte controle precisa ser exercido. Esse controle diz, “preciso agarrar-me a mim mesmo porque, caso contrário, serei prejudicado”. Esse controle se baseia em uma conclusão errônea, vem de um conceito dualista da vida e, portanto, tem que ser um controle nocivo e limitante. Coloca algemas em suas melhores faculdades e impede que as melhores faculdades dos outros cheguem até vocês e os afetem. O melhor em vocês não pode emergir e atingir os outros. O melhor nos outros não pode atingi-los. (Falo aqui para todos.)

Esse controle é um muro estanque que consiste em medo e em uma crença na dualidade, que faz com que o homem precise se defender da vida retendo o melhor de seu ser e o melhor que pode vir a ser. Isso ergue uma parede impenetrável de erros e defesas. Portanto, quanto mais forte o controle, maior a parede, mais o homem está alienado do melhor em si mesmo e nos outros, de tudo o que é verdadeiro, real, construtivo, vivo e jubiloso. Por trás da parede, ele sofre a separação do melhor da vida, o que inclui o melhor de si mesmo.

Quando a energia está constantemente sendo usada de maneira inútil e fútil, como na criação de paredes que proíbem o melhor da vida, deve chegar o momento em que a entidade perde o controle e, portanto, torna-se incapaz de dar conta da vida à medida que se desenrola à sua frente. Ela é incapaz de fazer uso de seus recursos porque está quase aterrorizada, com medo de encontrá-los.

Encontrá-los, estar ciente deles, leva a um fluxo natural de união, de deixar que outros os compartilhem. Essa é a natureza de tudo o que é bom. O que é bom não pode existir por si só. Deve comunicar-se com os outros. Sempre inclui os outros. Assim, quando uma pessoa teme essa inclusão com os outros e pelos outros, é forçada a negar o melhor em si mesmo. Isso pode ser verificado por todos vocês quando detectarem um ligeiro sentimento de ansiedade e desconforto exatamente em relação à ideia de permitir que o melhor em vocês se desenvolva. Existe um mecanismo que refreia isso, que faz parecer “mais seguro” ser destituído, improdutivo de aspectos que sejam naturalmente propensos a incluir a vida e os outros e a unir-se com eles. A ironia, é claro, é que sem esses recursos o homem não pode viver adequadamente e dar conta daquilo que encontrar em seu caminho. Portanto, o controle que o proíbe e o protege da vida deve levar a uma perda de controle (à incapacidade de dar conta, seja lá como isso possa se manifestar para um indivíduo).

Quando o homem está na unidade do ser, onde não há ou isto/ou aquilo, onde se trata de “eu e o outro”, não existe nenhum conflito entre dar e receber. Não pode haver conflito com relação ao controle. Se vocês não têm medo de dar, podem receber plenamente, nunca ficarão em haver. Quando temem dar, não podem estar abertos a receber. É impossível. Portanto, estão sempre saindo lesados. Assim, a conclusão errônea é fortalecida, o que fará com que vocês se fechem ainda mais. Mas quando estão na verdade da unidade, sua liberdade de oferecer o que são à vida, de desejar enriquecer a vida os deixará completamente confortáveis quanto a receber. Vocês podem confirmar esse fato com facilidade, todos vocês. Na exata medida em que temem dar de si mesmos, devem ficar desconfortáveis quando recebem, ainda que desejem receber. Então, sutilmente, vocês deixam de escanteio o que lhes é dado. Ainda que seu objetivo infantil e egoísta seja receber tanto quanto possível e dar tão pouco quanto possível, isso não pode acontecer, não apenas porque os outros se recusam a participar de uma transação tão injusta, mas também porque vocês mesmos se fecham para isso. Sua psique não pode corresponder às exigências da verdade e da lei – portanto, não pode se abrir para receber quando se recusa a dar. Trata-se mais do que culpa, mais do que o profundo conhecimento de que vocês não merecem receber quando se recusam a dar, mais do que a expiação dessa culpa, que faz com que vocês se recusem a receber. É uma simples questão de uma equação matemática ou como uma lei da física. Essas leis não podem ser violadas; elas contêm sua própria ordem. É uma questão de compatibilidade psíquica. Somente a psique que está na verdade e pode, portanto, dar de forma confortável e indolor o melhor de seu ser (existe uma diferença entre dar o que se tem, mesmo que sejam os próprios recursos, e dar o que se é) vivenciará a grande segurança e alegria desse ato e poderá, conseqüentemente, nessa exata proporção, receber de maneira confortável, indolor e prazerosa – até que os aspectos de dar e receber verdadeiramente se tornem um único. Quando não existe esforço quanto a dar de si mesmo, não haverá esforço para receber nem frustração. O indivíduo não se sentirá mais trapaceado porque não trapaceia a vida privando-a daquilo que ele é. Assim, o controle acirrado e ansioso se torna totalmente supérfluo.

O controle que proíbe seu melhor forçosamente também impede que o indivíduo use esses melhores poderes mais elevados para seu próprio interesse. Esses poderes permanecem inutilizados; ficam encobertos em tal medida que sua existência é ignorada. Esse aspecto do homem que por si só basta para guiá-lo e inspirá-lo não poderá ativá-lo enquanto o homem permanecer nessa condição.

Vou deixá-los por hoje com a solicitação e o desejo e a esperança de que todos vocês aqui presentes e que leem estas palavras usem a fórmula que lhes dei. Usem-na tanto quanto puderem. Queiram usá-la! Terá um enorme poder de cura. Transformará o que está embotado e morto em um fluxo de vida dinâmico. Transformará o que está desesperançado em uma esperança brilhante, o que está temeroso em segurança e confiança profundas. Transformará sua vida de constrição em possibi-

lidades ilimitadas. Transformará a escuridão e o isolamento em luz, união, companheirismo, intimidade e a compreensão de que são amados como são porque amam como são. Transformará a solidão e o vazio em abundância em todos os aspectos. Meus amigos, estas não são meras palavras ou uma teoria em que vocês podem acreditar vagamente para um futuro distante. Cada um de vocês pode verificá-las a qualquer momento quando optarem por testar a verdade destas palavras.

Fiquem em paz, fiquem em si mesmos em Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.